



A NOÇÃO DO ABSURDO NA CONCEPÇÃO CAMUSIANA

FELIPE DE LIMA SURUAGY

RESUMO

O presente trabalho versa sobre a noção de absurdo na ótica do dramaturgo e filósofo franco-argelino Albert Camus¹, que explanou a temática em sua vasta produção literária – tanto nos romances, bem como nas obras de inquirição filosófica -, cujo o principal título embasa este trabalho, trata-se do livro intitulado *O mito de Sísifo*, texto de cunho existencialista, que esmiuça o pensamento e absurdista, como este surge no intelecto humano e as consequências que ocasionam na relação do ser com o mundo. A consciência do homem absurdista entende que não há justificativa que explique à vida e o mundo. Essa afirmativa, permite que se erga duas indagação valiosas, diante da não possibilidade de se empregar sentido para à nossa existência, vale a pena viver? O suicídio é uma saída aceitável?. Camus emprega parte de sua obra para advogar a necessidade da preservação da vida, a negação do suicídio como ação aceitável e em última instância, demonstrar que o homem, apesar da elaboração de uma madura noção de si e de seu entorno, cuja a conclusão é a absurdidade, deve viver, como ato de revolta contra essa verdade com que nos deparamos. Para ilustrar esse ato, Camus usa o mito de Sísifo, homem que desafiou os deuses e a morte, e por isso foi condenado a rolar uma pedra eternamente, porém, o resultado de suas ações não o torna infeliz, mas pleno da responsabilidade de sua existência.

Palavras-chave: Absurdidade; homem; vida; suicídio; Sísifo.

1 INTRODUÇÃO

Qual o sentido da vida? Essa pergunta ecoou e ecoa na cabeça de todos os homens e mulheres, plenos de suas condições psiconeurais, por isso, tornou-se objeto de investigação dos diversos âmbitos do conhecimento científico, de modo muito especial da filosofia, cujos pesquisadores dos mais variados tempos, lugares, linhas de pensamento e com ferramentas de investigação distintas, lançaram-se na busca de uma resposta para essa questão tão complexa. Frente ao problema da existência humana, Camus inicia as reflexões do ensaio em epígrafe, com a célebre afirmativa de que o suicídio é a única questão séria da filosofia, visto que dizer se a vida vale ou não a pena ser vivida, constitui-se como a maior de todas as problemáticas da reflexão filosófica. O fato de tratar da questão do suicídio e da negação do ato, torna Albert, um autor digno da inquirição das análises ético-morais, primeiro, por ser uma ação totalmente contrária as bagagens éticas que circundam as sociedades; segundo, porque aceitar a possibilidade do aniquilamento da própria vida é uma atitude que irrompe com qualquer possibilidade de motivação para a caminhada existencial., que enfrenta os deuses e encontra no próprio ato de viver o sentido de sua existência.

¹ Albert Camus (Mondovi, 7 de novembro de 1913 – Villeblevin, 4 de janeiro de 1960), foi um jornalista, filósofo e escritor. Seus trabalhos contribuíram com o crescimento da corrente de pensamento conhecida como absurdismo. Considerado um dos grandes autores do século XX, Camus recebeu o prêmio Nobel de literatura em 1957

O objetivo geral do artigo em tela é evidenciar que o pensamento de Albert Camus apresenta uma conduta ética, mesmo que o autor apresente-a de forma paradoxal em sua principal obra – *O mito de Sísifo*. Disso parte nosso objetivo de explicitar a opinião camusiana sobre o valor da vida e a condenação do suicídio, temática recorrente em nossos tempos. Também objetivamos apresentar academicamente as ideias do autor franco-argelino, tão pouco discutidas no Brasil. Por fim, ansiamos, com o uso de uma linguagem acessível e um formato didaticamente compreensível, acessibilizar os temas que permeiam as discussões acadêmicas.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa tem por objetivo explorar os conceitos centrais do pensamento de Albert Camus, para com isso apresentar as bases da teoria absurdista e a sua principal implicação, a negação do suicídio como saída para a superação da ausência de sentido das nossas vidas. Todo o processo de pesquisa, bem como todas as referências que ancoram esse trabalho ao ideário camusiano, foi realizado por meio da análise e da concatenação do livro *O mito de Sísifo* (2004), do próprio Camus, assim como outras fontes elaboradas pelo autor citado.

Para robustecer as percepções acerca do tema tratado, inquiremos e apresentamos as falas colaborativas presentes em outros trabalhos acadêmicos, como artigos e dissertações acadêmicas. Desse modo, podemos considerar que o trabalho em tela se trata de uma pesquisa de cunho bibliográfico, com finalidade explicativa. A escritora Derly Barbosa (2010, p. 62) afirma que esse tipo de pesquisa “não é apenas uma reunião de citações e parágrafos das ideias de diferentes autores. É uma investigação crítica de ideias e conceitos.”

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO ABSURDO CAMUSIANO

No mais comum dos atos, podendo ser com o mais simples dos homens, que por um instante de atenção, somos tocados no coração pelo sentimento do absurdo – podendo ser a percepção de passagem do tempo, a noção de finitude, o contato com a morte, a evidenciação de nossa fragilidade ou a constatação da não aquisição de uma definição sobre vida. O desconforto interior que se inicia é a nossa interação com o absurdo através da sensação, visto que a absurdidade é uma verdade sensível ao coração, como afirma Camus (2021), e é neste instante que ela se funda em nós.

Nas sensações de absurdidade se evidenciam os limites do nosso conhecimento por meio da experiência, impedindo que construamos respostas para o que está além de nós, ou seja, do que não experienciamos pelas vias sensoriais. Deparamo-nos com a contradição das supostas verdades, da desunidade do mundo natural, nossa inquietude por uma explicação sobre o que somos e sobre o mundo, e o seu confronto com o silêncio. Descobrimos os muros de nossa racionalidade, tudo isso, segundo Sampaio (2021, p.103) coloca-nos em frente a uma estranheza em relação ao mundo. O absurdo não está no homem ou no mundo, mas é o elo estabelecido no embate entre ambos, que se revela no momento em que “o vazio se torna eloquente [...] em que o coração procura em vão o elo que lhe falta” (CAMUS, 2021, p.27).

O enfrentamento do sujeito racional com o estado de realidade do mundo, são geradores do sentimento de absurdidade, como desvelamos acima. O passo que se segue à sensação, é o estabelecimento de uma noção absurda, Sampaio (2021, p.104) afirma que essa noção é resultante do encontro da racionalidade com seus limites, destarte o encontro com o absurdo. Aqui há duas possibilidades: acordar do sono inocente da inconsciência ou retornar para as amarras da não reflexão. Destaca-se que o homem absurdo torna-se um juiz de si e do mundo, vivendo assim a permanente inquirição por vias racionais daquilo que é lançado como certeza e de tudo que compõe seu entorno, Albert Camus conclui este postulado com a seguinte afirmativa, “O absurdo é o estado metafísico do homem consciente” (CAMUS, 2021,

p.54).

Há um divórcio entre o sujeito absurdo e o mundo denso, ausente de significação para em si para nós, ao analisar esta proposta, os filósofos, João Luiz Pereira Ourique e Marco Vinícius Pereira do Espírito Santo, conceituam que isso se dá porque “a terra agora é o lar de estrangeiros [...] a velha pátria humana que antes era o centro, agora orbitava nos confins do universo [...] os valores sacrais norteadores da vida foram colocados sobre o crivo da dúvida” (OURIQUE (2015); ESPIRITO SANTO (2015), p.40), tudo isso é permitido pelas descobertas científicas que libertam e amadurecem os homens.

Seguindo os passos de Nietzsche, o filósofo franco-argelino parafraseia Zaratustra e afirma não haver nada que esteja além da nossa existência, por conseguinte não há nada que ultrapasse a nossa razão, com isso, Camus impõe que o homem absurdo deve aprender a viver com o que consegue alcançar e Deus é um conceito inalcançável, portanto, a consciência absurda descarta a ideia de Deus, não pretendendo formar uma linha reflexiva ateia, mas não quer lhe ter como meio de esperança, de significador do mundo e da vida. Voltar-se para a nostalgia de Deus, é retornar para a busca do eterno e do absoluto, inapreensíveis a nós, inexplicáveis para a filosofia, e que só denotam a nossa intimidação frente à iminência da morte – não existência. Visto que o mundo não é apreensível à razão, os homens e mulheres recorrem à ideia de Deus, afirma Albert, o que não é aceitável no pensamento absurdo. Deus seria, neste caso, um mero salto da racionalidade.

O propósito do homem absurdo é desvincular-se das ilusões, mas viver inserido e consciente da ausência de sentido para as vidas, encarando à angústia da qual somos detentores da nossa realidade mortal, mas tudo o que a noção racional nos faz perceber não deve ser encarada com desespero, mas com maturidade, para não buscarmos as mentiras como subterfúgios, com isto, alerta Camus (2021), desse modo nosso autor condena a divinização do absurdo – que é tornar o inapreensível, assunto divino. Esse é o primeiro ato de revolta do homem absurdo, não querendo justificar o mundo por meio de Deus ou dos deuses. Para elucidar sua postura sobre os existencialistas que se direcionam para o viés religioso, Albert disserta que,

Tomo aqui à liberdade de chamar de suicídio filosófico a atividade existencial. Mas isto não implica um julgamento. É uma maneira de designar o movimento pelo qual um pensamento nega a si mesmo e tende a superar-se no que diz respeito à sua negação. A negação é o Deus dos existencialistas. Esse deus, exatamente, só se ausenta pela negação da razão humana. Mas, os suicídios, os deuses mudam de acordo com os homens. Há várias maneiras de saltar, mas o essencial é saltar. Essas negações redentoras, essas contradições finais que negam o obstáculo que ainda não superado, tanto podem nascer (é paradoxal deste raciocínio) de uma certa inspiração religiosa quanto da ordem racional. Elas sempre aspiram o eterno, e só nisso dão o salto. (CAMUS, 2021, p. 55-56).

SUICÍDIO E A FIGURA DE SÍSIFO COMO MODELO PARA O HOMEM ABSURDO

O sujeito atormentado pelos sentimentos de absurdo desenvolveu a noção absurda e agora se sustenta na lógica absurdista que exclui qualquer tipo de significado concreto para sua existência, desacredita da possibilidade de alcançar qualquer tipo de conhecimento verdadeiro, rompeu com as alegóricas de esperança, onde não há o amanhã; acabou com a hierarquia sobrenatural, destronou Deus ou os deuses de sustentadores desse sentido do qual somos carentes; tornou-se livre, cada sujeito é a própria medida de suas escolhas e o único responsável pelas consequências; encara a morte como fim de sua jornada terrena, ela não é mais a transposição para uma hiper realidade, dela nada podemos inferir. O homem absurdo depara-se com uma vida “ausente de qualquer motivo profundo para viver [...] e a inutilidade do sofrimento.” (CAMUS, 2021, p.20). Com esta realidade em vista, o texto camusiano

apresenta uma das mais importantes definições do ato suicida que é compará-la a uma confissão, ou seja, o homem ou a mulher que se mata, confessa que foi superado ou não entendeu a vida.

Frente a tudo isto, encara uma realidade desafiadora, viver sob este céu sufocante ou sair desta vida. A afirmativa em questão pretende responder a mais problemática pergunta realizada pela filosofia, principalmente quando se pensa com as premissas existencialista, se vale a pena viver ou deve-se encará-la com as próprias mãos? Diante desta existência angustiante e absurda, o suicídio pode ser uma saída válida? Devemos salientar que Camus afirma que o germe suicida nasce nos corações dos homens absurdos, mas também dos que não partiram para a inquietação existencial, há sujeitos plenos em suas significações que tomados pelas emoções e dores, aniquilam-se.

Albert Camus põe-se a serviço de uma reflexão sobre o suicídio e nos aponta algumas conclusões relevantes, a primeira é que o suicídio é um ato que quando levado ao seu termo, é sempre pelo domínio dos sentimentos, em detrimento da razão, portanto, precisamos olhar com clareza para o que sentimos, para os fatores que norteiam a vida e para as opções filosóficas que realizamos e privilegiar a nossa razão. O segundo aspecto está no tocante a natureza humana, uma vez que a opção pelo suicídio não pode superar o juízo natural do corpo e do espírito, que obviamente rejeitam o aniquilamento e clamam pela permanência existencial. O terceiro é preservando o essencial e o que nos oprime na absurdidade, mas precisamos nos rebelar contra a própria situação absurda, segundo Camus (2021, p.46), “o absurdo só tem sentido enquanto não seja admitido.”

A lógica absurda responde-nos com duas sugestões importantes, a primeira é a da revolta diante da suposição do suicídio, suscitando pela ausência de sentido da vida. Com este pressuposto, o homem absurdo afirma-se frente à realidade absurda da existência, como sujeitos dotados da revolta, que aceitam a angústia e obscuridade, aguentando todas as consequências que delas advêm. Com esta primeira afirmativa para a continuação da vida, Jean Paul-Sartre acrescenta que “O homem absurdo não se suicidará: quer viver, sem renunciar a nenhuma das suas certezas, sem esperança, sem ilusão e também sem resignação. O homem absurdo afirma-se na revolta” (SARTRE, 1968, p. 91 apud SAMPAIO, 2021, p. 117). A revolta, então, é a mais sensata postura filosófica, visto que o suicídio também é um salto diante da vida absurda, é uma fuga tal como a esperança e explicação por meio da narrativa divina. Camus, então, conclui que:

Aqui se vê como a experiência absurda se afasta do suicídio. Pode-se pensar que o suicídio se segue à revolta. Mas é um engano. Porque ele não representa seu desenlace lógico. É exatamente o seu contrário, pela admissão que supõe. O suicídio, como o salto, é a aceitação de seu limite máximo. Tudo se consumou, o homem retorna à sua história essencial. Divisa seu futuro, seu único e terrível futuro, e se precipita nele. À sua maneira, o suicídio resolve o absurdo. Ele o arrasta para a própria morte. Mas eu sei que, para manter-se, o absurdo não pode ser resolvido. Recusa o suicídio na medida em que é ao mesmo tempo consciência e recusa da morte. (CAMUS, 2021, p. 68).

A segunda sugestão camusiana para a negação do suicídio conclama uma consciência lúcida que se encontra valorada em todo o ensaio *O mito de Sísifo*, que considera que a vida merece ser vivida, não pelo aprisionamento de um sentido a qual lhe conferimos, mas pela própria oportunidade de viver, esgotando todas as possibilidades de vida, vislumbrando saborear a vida ao máximo e em sua totalidade. Seguir motivado pela possibilidade de tornar este mundo melhor. Efetivar-se na revolta, apaixonar-se pela liberdade, fazendo de cada convite à morte – suicídio – um ato afirmativo de revolta, de liberdade e de opção pelo incrível ato de viver. Por fim, vivamos pelas virtudes que podemos aderir e ensinar, pela arte que podemos criar e apreciar, ou pela razão que nos impele continuamente

pela vida, busquemos em algum lugar este algo que nos transfigure ou nos eleve como homens.

Em meio à defesa camusiana pela vida, que contraria toda a ideação suicida, o autor apresenta o personagem da mitologia grega Sísifo, como modelo para o homem absurdo e para todos os que se indagam sobre o sentido da vida. Sísifo desafiou os deuses, prendeu a morte, fugiu do reino do submundo e como pagamento para todos os seus feitos foi condenado a rolar uma pedra por toda a eternidade sob uma montanha, sempre que chega ao cume da montanha, o peso da pedra a rola para baixo e ele precisa recomeçar todos os seus esforços.

Parece-nos que Sísifo obteve um final ruim, no entanto, Albert Camus nega esta conclusão, pois o personagem mitológico odiou a morte, negou-se a entregar-se ao fim, amou tanto a vida, que em um ato de revolta, enfrentou os deuses, e lutou pela própria existência. Ele carrega o peso da pedra, com consciência, segue cumprindo sua função apesar da não significação do seu serviço. Como o homem absurdo, Sísifo carrega o peso da vida e de suas escolhas. Sísifo, ao afundar-se no trabalho contínuo, preço de seus atos, confirma sua liberdade e sua superioridade ante o destino, ele brada para todos nós e ensina-nos que a vida é assunto humano e que somos senhores absolutos de nossos destinos. Com essa alegoria, Albert Camus convida todos os homens e mulheres, a rolar do mesmo modo a pedra da existência, mesmo que o nosso labor não tenha significado plausível ou apreensível, por meio de Sísifo, Camus conclui que a melhor maneira de se viver é revoltando-se contra a realidade absurda da vida e da morte; e fazendo da nossa estadia nesse mundo, uma contínua efetivação da nossa liberdade. Então, viver é a saída para ausência de significado da vida.

4 CONCLUSÃO

Entre os autores de matriz existencialista, Albert Camus inova ao desenvolver o que ele nomeia de sentimento e noção absurdas, etapas de desvelamento dos sentimentos e da razão do homem frente a sua própria realidade e as conjunturas que o circundam. Essas ideias implicam na defesa de uma negação de uma significação para a existência dos homens e mulheres, assim como para o mundo. Estes conceitos implicam segundo Camus, em inúmeras posturas éticas, que precisam ser aderidas pelo homem absurdo, em vista de uma coerência entre a teoria e a prática; estão inclusas na ética camusiana, a ausência de esperança, a adesão a um estado de revolta diante da não compreensão do mundo e do ser, a compreensão da liberdade – autonomia nas escolhas e enfrentamento de suas consequências –, a necessidade de se evitar saltos da razão.

Acreditamos que esse trabalho é importante para os nossos tempos, em vista que atualmente, os índices de suicídio crescem exponencialmente acreditamos que o acesso às obras de Albert e a ampliação dos estudos sobre as opiniões que ela apresenta sobre a vida e o suicídio, merecidamente devem ser divulgadas. Esperamos que a partir deste breve estudo, mais pessoas se lancem a ecoar o pensamento camusiano, em vista de salvarem vidas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Derly. Manual de pesquisa: metodologia de estudos e elaboração de monografia. 2ª. ed. 3ª impr. São Paulo: Expressão & Arte, 2010.

Camu, Albert. *O mito de Sísifo*. Tradução: Ari Roitman e Paulina Watch. 24ª. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

OURIQUE, João Luis Pereira; SANTO, Marco Vinícius Pereira do Espírito. *Sísifo e a percepção da realidade trágica pela sensibilidade absurda*. Literatura e Autoritarismo. n. 25,

p.32-43, 16/jul/2015. Disponível em:

https://www.google.com/search?q=s%C3%ADsifo+e+a+percep%C3%A7%C3%A3o+da+realidade&rlz=1C1NDCM_pt-BRBR941BR941&oq=s%C3%ADsifo+e+a+percep%C3%A7%C3%A3o+da+realidade&aqs=chrome..69i57j69i60.7353j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acesso em: 10/out/2022.

SAMPAIO, Leandson Vasconcelos. *Albert Camus e a recusa do suicídio em O mito de Sísifo*.

Kalagatos, v.17, n. 2, p.102-121, 10/out/2021. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/7201>. Acesso em: 10/out/2022.